

# A LATERAL POSVOCÁLICA /l/ NO RIO GRANDE DO SUL

THE POSVOCALIC LIQUID /l/ IN RIO GRANDE DO SUL

Shélida da Silva dos SANTOS<sup>1</sup>  
Julio Manoel da SILVA NETO<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo observar o comportamento da lateral posvocálica /l/. Para isso, tivemos como *corpus* o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) no qual analisamos quatro informantes (dois homens e duas mulheres, de idades e graus de instrução distintos) de cada uma das seguintes regiões: Passo Fundo, São Borja, Santa Cruz do Sul e São José do Norte, totalizando, assim, 16 entrevistados. Como indiciam pesquisas (QUEDNAU, 1993; SÊCCO, 1997; ESPIGA, 1997; DAL MAGO, 1998), o Sul, de todas as regiões do Brasil, ainda que em menor quantidade, é a área do país em que mais se mantém a preservação velarizada [ɫ] da lateral posvocálica. Entretanto, essa é uma realidade que tem mudado cada vez mais. Tal aspecto é confirmado em nossa pesquisa, notamos que a vocalização [w] tem sido a manifestação predominante e a velarização, por sua vez, tem se restringido a contextos mais particulares, tais como idade e região fronteiriça. Observamos, dessa maneira, um processo de variação e mudança no uso da lateral posvocálica no Sul do Brasil.

**Palavras-chave:** Lateral Posvocálica. ALiB. Fonética.

**Abstract:** This paper aims to analyse the behavior of the posvocalic liquid /l/. This study is based in *corpus* of the Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) that analyzed four informants (two men and two women of different ages and degrees of education) of the following regions: Passo Fundo, São Borja, Santa Cruz do Sul and São José do Norte. Studies (QUEDNAU, 1993; SÊCCO, 1997; ESPIGA, 1997; DAL MAGO, 1998) show that South of Brazil is the region that presents the highest level of the preservation of the posvocalic liquid velarized [ɫ]. Nevertheless, we noted that the phenomenon the [w] vocalization has been predominant, while the phenomenon the velarisation has been restricted to age and border regions. Thus, is observed the variation process and change of the posvocalic liquid in South of the Brazil.

**Keyword:** Posvocalic liquid. ALiB. Phonetic.

## Introdução

A fonética e a fonologia são, hoje, no Brasil, áreas de estudos muito profícuas, que já contêm um forte aparato teórico-metodológico. Diferentes *corpora* já foram usados para retratar

<sup>1</sup> Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

<sup>2</sup> Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

fenômenos fonéticos-fonológicos em nossa língua, podemos citar, como exemplo, o NURC, o VARSUL, o PEUL e o ALiP<sup>3</sup>. Entretanto, um *corpus* específico tem chamado muita atenção dos pesquisadores pela sua extensão territorial, abrangência de fenômenos linguísticos e atualidade: este é o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), cujos volumes 1 e 2 foram publicados em 2014, e será usado por nós neste artigo.

O presente trabalho tem como objetivo observar o comportamento da lateral posvocálica na região sul do Brasil, especificamente no Rio Grande do Sul. A escolha por este ponto não é aleatória, Pinho e Margotti (2010) apontaram que o sul é a região que apresenta maior diferença quanto aos usos do /l/ posvocálico: ao passo que as outras regiões, praticamente como um todo, vocalizam a lateral [w], chegando até mesmo ao apagamento [Ø], o sul ainda mantém muitos traços da lateral velarizada [ɭ].

Considerando as pesquisas passadas, a análise deste texto busca responder se os resultados anteriores ainda se mantêm ou estão em processo de variação, passando à vocalização. Para esta análise, nosso *corpus* foi baseado em inquéritos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), ouvimos 16 falantes, de 4 cidades distintas do Rio Grande do Sul – a saber Passo Fundo, São Borja, Santa Cruz do Sul e São José do Norte. Buscando os usos da lateral posvocálica feitos por esses entrevistados, totalizamos uma quantidade de aproximadamente: 34 horas e 13 minutos de gravação e 103 palavras analisadas<sup>4</sup>.

Para a realização deste trabalho, este artigo está dividido da seguinte maneira: inicialmente, trazemos um panorama de onde retiramos nosso *corpus*, o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), apontando sua história e contribuição para os estudos da geolinguística brasileira. Posteriormente, tratamos das pesquisas sobre a lateral posvocálica no país (BISOL, 2005; MOURA, 2009; PINHO; MARGOTTI, 2010 e 2012; CALLOU, 2015, SILVA, 2015), restringindo-nos principalmente ao sul. Em seguida, apresentamos um breve panorama histórico-cultural dos quatro pontos de onde retiramos os dados – Passo Fundo, São Borja, Santa Cruz do Sul e São José do Norte – e a análise desses. Por fim, abordamos as nossas considerações finais sobre o uso da lateral posvocálica no sul do país.

Esperamos, por meio deste artigo, apresentar subsídios teórico-metodológicos, apontando o estado de variação e mudança do fenômeno em análise em uma região que, por anos, diferenciou-se do resto do país.

3 Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC), Variação Linguística Urbana na Região Sul (VARSUL), Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), Amostra Linguística do Interior Paulista (ALiP).

4 As palavras analisadas estão listadas no Anexo II deste artigo.

## O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Cardoso et al. (2013) apontam-nos que a ideia inicial para a elaboração de um atlas linguístico brasileiro surgiu em 1952, por meio do Decreto nº. 30.643, de 20 de março, que delegava à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a produção do atlas linguístico do Brasil. Tal ideia obteve alicerce nas propostas de Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Antenor Nascentes, que argumentavam que a criação de um atlas linguístico nacional apenas poderia se viabilizar a partir da elaboração de atlas distintos por regiões.

Ainda a favor da criação de um atlas nacional, Cardoso et al. (2013, p. 18-19) salientam:

o quadro histórico-social do Brasil, hoje, e a necessidade do conhecimento sistemático e geral da realidade linguística brasileira, necessário sobretudo à difusão de um ensino adequado ao caráter pluricultural do país, estão a exigir, sem mais demora, um esforço coletivo na tentativa de concretizar estudos mais amplos que levem a esse conhecimento global. Essa pode e deve ser a tarefa da Dialectologia brasileira nesse final de milênio, a se concretizar com a realização do atlas linguístico geral do Brasil.

Com base nisso, os autores justificam a criação de um atlas linguístico nacional por “razões de ordem linguística *stricto sensu*, de ordem social, de ordem histórica, e, ainda relacionadas à política de ensino da língua materna e à própria política de entendimento da diversidade de usos do português” (CARDOSO ET AL. 2013, p. 19). Notamos, pelo apontado, a relevância desse instrumento que poderá retratar, de diferentes maneiras, a realidade linguística brasileira.

Para chegar aos estudos atuais e a base da coleta de dados e informantes, foi necessário percorrer diferentes etapas nos estudos da língua falada no Brasil. Segundo Cunha (2006), os estudos precursores sobre a “língua do povo” foram de Amadeu Amaral (*O dialeto caipira*, 1920); Antenor Nascentes (*O linguajar carioca*, 1922) e Mário Marroquim (*A língua no nordeste – Alagoas e Pernambuco*, 1934). Contudo, apenas em 1963, com a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), que se obteve, pela primeira vez, um *corpus* oral representativo de uma região brasileira que seguia os parâmetros da dialectologia tradicional, tais como: (a) coleta de dados com base em um questionário; (b) observação da antiguidade e identidade histórico-cultural para a seleção da localidade; (c) seleção do informante com base em falante iletrado e, por diversas vezes, com idade avançada, considerado como um representante genuíno de sua comunidade.

Somando ao APFB, outros dezesseis atlas foram publicados sobre a fala popular<sup>5</sup>: *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (1977); *Atlas Linguístico da Paraíba* (1984), *Atlas Linguístico do Sergipe* (1987); *Atlas Linguístico do Paraná* (1994); *2º volume do Atlas Linguístico de Sergipe* (2002); *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (2002); *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (2004); *Atlas Linguístico do Amazonas* (2004); *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (2007); *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC* (2007); *Atlas geolinguístico do litoral potiguar* (2007), *Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso* (2009), *Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco* (2009), *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba - municípios do Litoral Norte de São Paulo* (2010), *Atlas Linguístico do Ceará* (2010), *Atlas Geossociolinguístico de Londrina* (2012), *Atlas Linguístico de Pernambuco* (2013). Contudo, como ainda aponta Cunha (2006), esses são atlas de gerações distintas com diferentes abordagens metodológicas, como o perfil do informante e o tipo de questionário, por exemplo.

Cumprindo ainda salientar a existência da criação de diferentes acervos de base sociolinguística durante as décadas 70 e 90, com o objetivo de observar diferentes padrões sociolinguísticos para estudos da língua materna. Dentre outros, apontamos dois: NURC e VARSUL.

O projeto NURC, Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta, iniciou-se em 1969 e restringiu-se as seguintes cinco capitais: Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. A proposta inicial era a seleção de 600 informantes (300 homens e 300 mulheres) com nível superior completo, nascidos na cidade ou residentes desde os 5 anos. Os informantes foram divididos da seguinte maneira: (a) de 25 a 35 anos; (b) de 36 a 55 anos; (c) mais de 56 anos.

O projeto VARSUL, Variação Linguística Urbana na Região Sul, iniciou-se em 1990 e almeja um banco de dados linguísticos do português falado nas áreas urbanas dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os informantes distribuem-se por: (a) sexo – homem ou mulher; (b) idade – de 25 a 50 e mais de 50; (c) nível de instrução – até 5, até 8 ou 9, até 11 ou 12 anos de escolaridade; (d) variedades linguísticas.

Como visto até momento, existe, no século XXI, para retratar o registro da oralidade brasileira, dezesseis atlas linguísticos de diferentes estados do Brasil e o registro estratificado da fala culta de 5 capitais brasileiras (NURC) e de algumas cidades brasileiras do sul (VARSUL), além de alguns bancos com recortes específicos de uma única região.

Mais uma vez, como retrata Cunha (2006, p. 75),

<sup>5</sup> Esses dados sobre os atlas regionais foram retirados da página do Atlas Linguístico Brasileiro – <https://alib.ufba.br/atlas-regionais>

salvaguardando os méritos e a relevância desses *corpora* para o conhecimento do português brasileiro, se buscarmos, a partir de seus dados, tecer generalizações descritivas que aliem amplitude geográfica, variedade de perfis sócio-culturais e situações elocucionais, deparamo-nos com um entrave: falta-lhes intercomparabilidade.

Neste sentido é que está o diferencial do Projeto ALiB, tanto pela enorme dimensão territorial, buscando um registro de 250 municípios e 1.100 informantes, quanto pela abrangência dos fenômenos linguísticos enfocados no questionário, totalizando 436 questões que englobam perguntas de cunho fonético-fonológico (QFF), semântico-lexical (QSL) e morfossintático (QMS), além de outras de cunho metalinguístico, pragmático, prosódico, com registros de discursos semidirigidos e texto para leitura.

Ainda sobre o questionário, Mota (2014, p. 79) retrata que esse destina-se principalmente “à documentação sincrônica da variação diatópica e diastrática”. Logo, nota-se que esse conjunto diverso de fenômenos variáveis contemplados permite observar a diversidade linguística do português brasileiro, revelando comportamentos linguísticos variados.

Para a seleção dos informantes do ALiB, os requisitos estabelecidos foram: ser natural da localidade, ter pais que também tenham nascido nessa localidade ou região, ter idade entre 18-30 anos (faixa I) ou 50-65 anos (faixa II) e nível de escolaridade fundamental e universitário.

Sobre o ALiB, o Atlas, por meio do seu *corpus* amplo, permite um “mapeamento e uma descrição mais segura da variação linguística no aspecto diatópico” (CUNHA, 2006, p. 76), logo, é capaz de revelar tendências de determinados fenômenos variáveis. Um exemplo é o que veremos a seguir: o comportamento da lateral posvocálica em alguns dados recolhidos deste *corpus* exclusivamente no Rio Grande do Sul, em comparação a pesquisas em *corpus* distintos e em outros atlas.

### **As diferentes manifestações da lateral posvocálica**

Estudos anteriores da lateral posvocálica /l/ (BISOL, 2005; PINHO e MARGOTTI, 2010, 2012; CALLOU, 2015) apontaram para a sua variação entre a realização velarizada e vocalizada.

Sobre tal fenômeno, Bisol (2005, p. 230) aponta que o /l/ “em posição pós-vocálica, pode realizar-se como [ɫ] ou [w], ou seja, nessa posição, há uma velarização ou uma vocalização da lateral”. Sá (2006) em estudos contrastivos do português do Brasil (PB), de Portugal (PP) e o espanhol relatou que a forma vocalizada [w] é a tendência geral do PB, ao passo que no PP e no espanhol predomina-se a forma velarizada [ɫ].

Esta vocalização do /l/ transforma-o em uma semivogal [w], o que faz com que algumas palavras possam ser confundidas em sua pronúncia, podemos exemplificar com *mau* x *mal* e *vin* x *vil*, que, neste contexto, ambas são pronunciadas como ma[w] e vi[w]. Assim, é possível afirmar que, quando estão em coda silábica, existe um processo de neutralização entre esses fonemas.

Em um levantamento histórico sobre o fenômeno analisado, Pinho e Margotti (2012) apontam estudos de Nascentes (1953), Hora (2006) e Silva Neto (1963). Os autores Nascentes (1953) e Hora (2006) documentaram o apagamento da lateral posvocálica, como em so[Ø], Brasi[Ø], pape[Ø], anzo[Ø] etc. Por sua vez, em Silva Neto (1963), foi revelado a realização de uma semivogal [j]: a[j]ma para alma, por exemplo. Teríamos, inicialmente, assim, o rotacismo e este /l/ roticizado poderia passar à vocalização.

Assim, como indicam Pinho e Margotti (2012, p. 138):

fica evidenciado que, no português do Brasil, um processo mais recente, a vocalização, substituiu um processo mais antigo, o rotacismo, ficando este restrito às variedades de menor prestígio social, na fala de pessoas mais velhas, e a determinados itens lexicais.

Sobre as diferentes manifestações do /l/ posvocálico, Silva (2015) apresenta uma interessante pesquisa comparativa com nove atlas analisados: *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (ZÁGARI, 1977); *Atlas linguístico da Paraíba* (ARAGÃO, 1984); *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA, 1987); *Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004); *Atlas Linguístico Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007); *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1996); *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (KOCH, 2002); *Atlas Linguístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2005); *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR I, ALPR II),

Salientando as diferentes manifestações da lateral posvocálica no Brasil presentes nos atlas observados – [w]; [l]; [ɫ]; [r]; [ɾ]; [ɻ]; [ɰ]; [Ø] –, a autora apresenta a seguinte tabela:

**Tabela 1:** possíveis manifestações para o /l/ posvocálico no Brasil (SILVA, 2015, s/p.)

ATLAS	GLIDE	LATERAL		VIBRANTES				APAG.	Total
	[w]	[ɫ]	[l]	[r]	[ɾ]	[ɻ]	[ɰ]	[Ø]	
MINAS GERAIS	74%	-	5%	-	14%	-	-	7%	100%
PARAIBA	11%	-	-	-	-	-	-	60%	100%
SERGIPE I	38%	20%	-	-	-	-	23%	20%	100%
PARANÁ	40%	12%	-	8%	40%	-	-	-	100%
REGIÃO SUL	7%	20%	47%	14%		14%		-	100%
AMAZONAS	51%	-	-	-	-	-	-	49%	100%
SERGIPE II	54%		-	-	-	-	46%	-	100%
MATO GROSSO DO SUL	92%	-	-	-	-	-	-	8%	100%
PARANÁ II	50%	-	-	7%	-	34%	-	9%	100%

Observa-se na tabela que a vocalização é um fenômeno bem recorrente em quase todos os Atlas. Tal recorrência só não é predominante no sul do país, em que se nota a preferência pela lateral plena ou velarizada.

Ainda sobre este fenômeno no Brasil, Callou (2015) analisou as variantes do /l/ em sílabas, utilizando dados do projeto NURC, sem levar em conta a posição dessas na sílaba, nas regiões de Porto Alegre, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Os resultados das ocorrências de vocalização assinalam para uma alta produtividade em todas as regiões analisadas – Salvador com 90%, Rio de Janeiro com 88%, São Paulo com 86%, Recife com 92% –, salvo Porto Alegre, que obteve 54 %.

Restringindo-nos ao sul do Brasil, é interessante observar, como já vimos, que esta área não segue a tendência nacional à vocalização. Como já apontava Câmara Jr. (1977, p. 31 *apud* PINHO; MARGOTTI, 2010, p.68):

o contraste entre /l/ e /w/ depois de vogal não deve ir ao ponto de se articular o /l/ depois de vogal exatamente como o /l/ antes de vogal. Salvo no extremo sul do país, esta pronúncia indiferenciada soa anômala, e dá a impressão de haver um ligeiro /i/ depois do /l/ de maneira que uma palavra como *cal* quase se confunde com *cale* ou *mel* com *mele*.

Moura (2009), em sua dissertação sobre a lateral posvocálica na fala tocantinense, estabelece uma revisão teórica bem pertinente em que aborda alguns estudos exclusivos sobre este fenômeno no sul do país. Vejamos a seguir um breve resumo do apresentado por Moura (2009) sobre Sêcco (1997), Quednau (1993), Espiga (1997) e Dal Mago (1998).

Sêcco (1997, *apud* MOURA, 2009), em sua dissertação, analisou o /l/ em Ponta-grossa, no Paraná, nas seguintes posições: final absoluto, intravocabular antes de consoante, final absoluto antes de vogal inicial do segundo elemento de palavra composta e antes de consoante inicial do segundo elemento de palavra composta. As conclusões que a autora chegou foram que a lateral pode ser realizada como líquida velar em posição final absoluta ou intravocabular com qualquer contexto, exemplo sa[l]; o zero fonético, ocorreu apenas depois de /u/, como em su[Ø]; a vocalização, por sua vez, na posição de coda, só não ocorre depois de /u/ ou antes de /k/ e /b/.

Quednau (1993, *apud* MOURA, 2009), em sua dissertação, selecionou quatro regiões do Rio Grande do Sul: uma metropolitana (Porto Alegre), uma de colonização italiana (Monte Bérico), uma de colonização alemã (Taquara) e uma fronteira (Livramento), sendo 7 falantes de cada uma. Pelo apontado pela autora, o grupo étnico foi o mais relevante, uma vez que os moradores da região metropolitana foram os que fizeram uso da variante vocalizada [w]. A autora ainda notou que as consoantes altas (palatal e velar) e a lateral foram as que condicionaram

primordialmente o processo de vocalização. Sobre a posição da lateral, os resultados revelaram que, quando esta vem no interior do vocábulo ou em posição de coda absoluta, a tendência é a manutenção da lateral velarizada [ɬ].

Espiga (1997, *apud* MOURA, 2009), em sua dissertação de mestrado, observou dezoito falantes bilíngues que nasceram na região do Chuí, fronteira entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai. Dentre os fatores elencados para a velarização da lateral foram apontados como favorecedores: a consoante palatal, a velar, a bilabial e fricativa. Em relação ao fator extralinguístico, Espiga observou que o contato (ou falta) foi elemento extralinguístico basilar para os usos do [ɬ] ou do [w]. Segundo o observado pelo autor, quando não existia contato com outras variedades dialetais do PB, mantinha-se a velarização, quando existia contato com outras variedades, a vocalização.

Dal Mago (1998, *apud* MOURA, 2009), em seu artigo, analisou doze cidades do sul (Curitiba, Londrina, Irati, Pato Branco – Paraná; Florianópolis, Chapecó, Blumenau, Lages – Santa Catarina; Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja – Rio Grande do Sul), com 96 informantes no total. As conclusões da autora são que a vocalização da lateral ocorre de forma proeminente em todas capitais e em Londrina, ao passo que, em Chapecó, Flores da Cunha, Panambi, a velarização é a forma mais acentuada. Por fim, os habitantes de Blumenau, Lages, Irati e Pato Branco variam entre essas duas formas.

Com base nas informações acima apresentadas por Moura (2009) – retiradas de Sêcco (1997), Quednau (1993), Espiga (1997) e Dal Mago (1998) –, podemos observar diferenças quanto ao uso da lateral posvocálica. Vejamos, a seguir, um estudo realizado por Pinho e Margotti (2010) sobre este fenômeno já tendo como base o *corpus* ALiB.

Pinho e Margotti (2010), em uma análise dos dados do ALiB, selecionaram todas as 200 entrevistas das 25 capitais, restringindo-se a algumas questões do QFF. Segundo o revelado pelos autores, a vocalização predomina no território brasileiro, quase 88%, o que confirma estudos anteriores na área. Delimitando-nos ao sul, este foi apontado ainda como uma região conservadora, com a variante velarizada com maior ocorrência no país (oito ocorrências). Contudo, cumpre salientar que manutenção da lateral velarizada é existente apenas na fala dos informantes mais velhos, o que indica um processo de mudança fonológica.

Pelo observado, é perceptível que a lateral posvocálica já foi objeto de análise de diferentes autores no Brasil. Nota-se que, até o momento, o sul do país é a região em que se há maior discrepância quanto aos usos da lateral prevalecendo o uso da lateral velar em falantes mais velhos. A seguir, com base em nosso *corpus*, apresentaremos como está o processo de variação e mudança desse fenômeno em um estado desta região, o Rio Grande do Sul.



## Análise de dados

Os 102 dados foram retirados dos ALiB, obtidos entre pontos da região do Rio Fundo (236), São Borja Sul (241) e São José do região, há quatro cada sexo e o objetivo é variantes da lateral posvocálica.



coletados por nós materiais do Projeto 2009 e 2013, de quatro Grande do Sul: Passo (239), Santa Cruz do Norte (249). Em cada informantes, dois de verificar os usos das

**Imagem 1:** Rede de pontos do sul

Apresentamos, a seguir, breves informações sobre as cidades.

Segundo o IBGE (2010)<sup>6</sup>, Passo Fundo, São Borja, Santa Cruz do Sul e São José do Norte apresentam, respectivamente, como população residente e população alfabetizada, o seguinte número de pessoas 184. 826 x 164.179; 61.671 x 53.483; 118.374 x 106.671; 25.503 x 19.703. É possível observar, a partir dos dados, que a maior concentração populacional dessas regiões está em Passo Fundo e a menor em São José do Norte. No que tange à relação população x número de alfabetizados, a maior concentração de analfabetos encontra-se em São José do Norte.

<sup>6</sup> Maiores informações podem ser encontradas no link a seguir: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=43&search=rio-grande-do-sul>

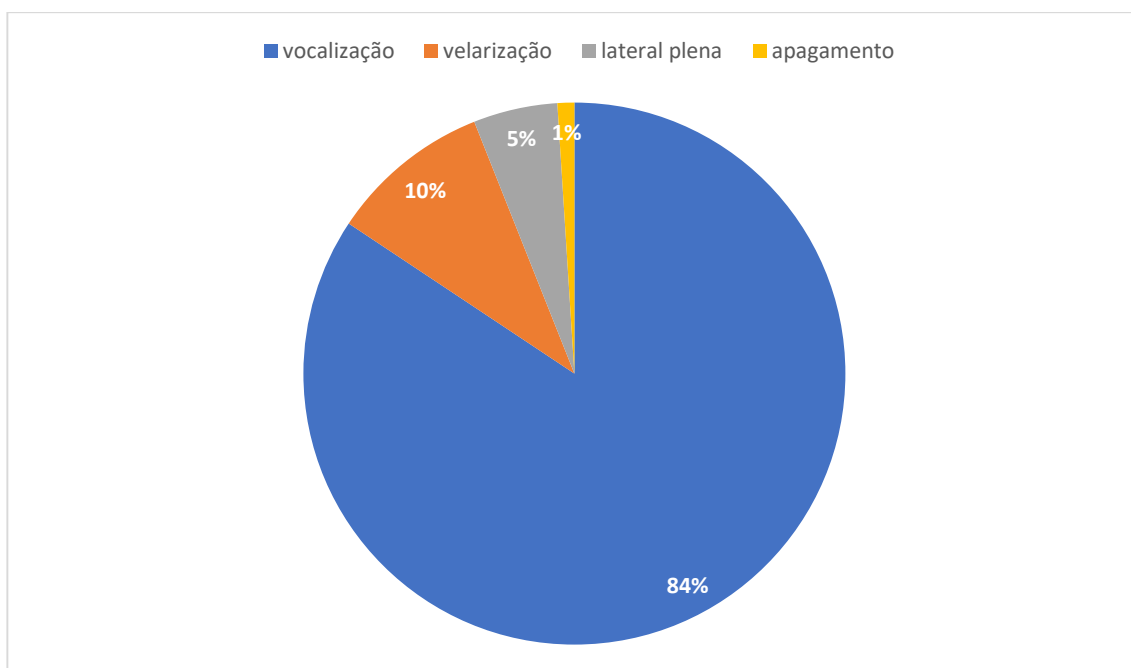
No que se refere aos dados, ouvimos os áudios completos dos entrevistados e anotamos todas as possíveis manifestações da lateral posvocálica. Em anexo, apresentamos todas as palavras encontradas, mas podemos salientar algumas como recorrentes: sol, mel, alface, calção, cal, almoço, pólvora, Brasil, azul etc.

A variável externa, em nossa análise, que pudemos controlar, foi apenas sexo, uma vez que não estavam presentes em todos os questionários o nível de instrução do entrevistado nem sua idade.

Segundo o observado por nós, a vocalização do /l/ foi a variante predominante em todas as regiões analisadas, reforçando o que já foi indicado por Pinho e Margotti (2012, p. 142). Segundo os autores, “no português do Brasil está em curso um processo de mudança, representado pela substituição da variante velarizada pela vocalizada, já que na fala dos mais novos é a vocalização que predomina”.

Observemos tal fato no gráfico abaixo:

**Gráfico 1:** usos da lateral nos pontos analisados



Podemos observar que, das 495 vezes que palavras com a lateral foram pronunciadas nos inquéritos, 418 foram vocalizadas [w], 48 foram velarizadas [ɫ], 25 foram com a lateral plena [l] e 4 apagadas [Ø].

O percentual de ocorrência da variante [w] é 84%, seguidos pela velarização com 10%, a lateral plena com 5% e o apagamento com 1%, indicando, assim, uma implementação da mudança nessa região, que em estudos anteriores (CALLOU, 2015) foi apontada como resistente em contraste com outras regiões.

Dividimos abaixo, nas tabelas, as ocorrências presentes em cada região investigada.

a) Passo Fundo

Informante	1 – homem	2 – mulher	3 – homem	4 – mulher
Quantidade de palavras com a lateral:	30	32	38	25
Quantidade com [w]	28	27	15	24
Quantidade com [ɬ]	1	2	25	0
Quantidade com [l]	1	3	1	1
Quantidade com [Ø]	0	0	0	0

b) São Borja

Informante	1 – homem	2 - mulher	3 – homem	4 - mulher
Quantidade de palavras com a lateral:	34	29	29	27
Quantidade com [w]	33	26	27	24
Quantidade com [ɬ]	0	3	1	2
Quantidade com [l]	1	1	1	1
Quantidade com [Ø]	0	0	0	0

c) Santa Cruz do Sul

Informante	1 – homem	2 - mulher	3 – homem	4 - mulher
Quantidade de palavras com a lateral:	34	14	36	34
Quantidade com [w]	32	13	31	25
Quantidade com [ɬ]	0	0	0	6
Quantidade com [l]	1	1	3	2
Quantidade com [Ø]	1	0	2	1

d) São José do Norte

Informante	1 – homem	2 - mulher	3 – homem	4 - mulher
Quantidade de palavras com a lateral:	39	34	33	24

Quantidade com [w]	33	30	30	20
Quantidade com [ɬ]	2	2	2	2
Quantidade com [l]	4	2	1	1
Quantidade com [Ø]	0	0	0	0

Cumpra salientar a presença da velarização na fala de entrevistados mais velhos. Tivemos uma frequência bem recorrente na entrevista de um homem de Passo Fundo, idoso, aposentado. Sobre este aposentado, é necessário colocar em foco a variação existente. Entre as 38 palavras pronunciadas por ele com lateral, 68% foram pronunciadas com [ɬ] e 32% com [w]. Contudo, algumas vezes, o próprio falante reproduzia a palavra de uma forma e a repetia de outra, vemos isso em go[ɬ] e go[w]; tempora[ɬ] e tempora[w]; e ca[ɬ] e ca[w]. Os outros informantes das demais regiões velarizaram, de forma menos saliente, em alguns contextos, nas palavras ma[ɬ], me[ɬ] e ca[ɬ]çada, por exemplo.

Ainda é preciso evidenciar o uso da [ɬ] realizado pela jovem de São Borja apenas durante a leitura do texto “Parábola dos sete vimes”. A jovem reproduziu as seguintes palavras, esbe[ɬ]to, fe[ɬ]tro e mi[ɬ], mas, ao longo de todo o inquérito, utilizou apenas o [w]. Uma hipótese possível seria a localização geográfica. A região faz fronteira com a Argentina, cuja língua oficial é o espanhol. Essa falante pode usar as duas variantes em contextos diferentes, acreditamos que a formalidade esteja relacionada ao uso do /l/ velarizado.

Segundo Hora (2006), as vogais [o], [ɔ] e [u], constituem fatores relevantes para o apagamento da lateral. Este estudo é confirmado no *corpus* ALiB por Pinho e Margotti (2010, 2012) ao retratar o nordeste do Brasil. No sul do país, foi observado o apagamento da lateral nas palavras dificuldade e último – dificu[Ø]dade e ú[Ø]timo –, em que o precedente era a vogal [u]. A variante [Ø] foi encontrada nas duas palavras na fala do informante 2, que é idoso; na palavra dificu[Ø]dade, no informante 3, que é jovem e mulher; e no informante 1, que também é jovem, mas homem. Nos outros pontos analisados, foi mantido o /l/, como em azu[l], a velarização, como em bo[ɬ]so ou a vocalização como em so[w]. Observamos que o apagamento ainda é fenômeno pouco usual no sul do país.

Concernente à variável sexo, não notamos diferença entre os entrevistados. Como já apresentado em outros estudos (QUEDNAU, 1993; ESPIGA, 1997), tal não apresenta peso relativo para este fenômeno em questão.

Por fim, trazemos à discussão o apresentado por Pinho e Margotti (2010) em relação à mudança do padrão do silábico no português brasileiro. Como abordam os autores,

a troca da variante velarizada do fonema pela vogal aumenta de forma expressiva o número de ditongos no português, os quais já são abundantes, e, ao mesmo tempo, também amplia consideravelmente a porcentagem de sílabas que não são travadas por consoantes à direita (PINHO; MARGOTTI, 2010, p. 84).

Diante desse fenômeno, como revelam os autores, o padrão silábico das sílabas que passam pela vocalização muda, uma vez que a coda silábica que era preenchida pela lateral passa a ficar vazia e tem como núcleo vocálico uma semivogal, o [w]. Tal apontamento demonstra que o PB caminha, cada vez mais, para a estrutura silábica CV (consoante-vogal).

## Conclusões

O nosso trabalho é uma tentativa de analisar a produtividade da lateral posvocálica no sul do Brasil. Para isso, foram selecionados quatro pontos de inquérito do estado do Rio Grande do Sul – Passo Fundo, São Borja, Santa Cruz do Sul e São José do Norte.

Tendo como *corpus* o ALiB, foi notável que, nas áreas analisadas, o processo de vocalização da lateral, seguindo o postulado por Pinho e Margotti (2012), está ocorrendo de forma ampla, porém ainda são encontrados casos de realizações velarizadas, explicados pelo contexto geográfico, região fronteira e pela faixa etária, os mais velhos tendem a apresentar mais a variante [ɫ].

Observa-se, dessa forma, que está ocorrendo a implementação da mudança nestas cidades do sul, com considerável produção de /l/ vocalizado. Outro fator primordial, salientado por Pinho e Margotti (2010), é que o aumento da realização do [w] está acarretando em uma reestruturação do padrão silábico do português brasileiro, tornando CV como a nossa estrutura silábica mais prototípica.

## Referências:

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Volume 2: *Cartas Fonéticas e Cartas Morfosintáticas*. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: 2005.

CARDOSO, S. M. A. et al (Orgs.). *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014.

\_\_\_\_\_. *Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2013.

CALLOU, D. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: \_\_\_\_\_ MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Orgs.) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 39-64.

CUNHA, C. S. . Corpus ALiB: uma base de dados para pesquisas atuais e futuras. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Estudos Geo-sociolinguísticos*. 1ed. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006, v. 1, p. 67-81.

DAL MAGO, D. O comportamento do /l/ pós-vocálico no sul do país. *Working Papers em Linguística*, n. 1, 1998. p. 31-44.

ESPIGA, J. W. R. *O português do Campos Neutrais: um estudo sócio-linguístico da lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços do Chuí e Santa Vitória do Palmar*. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Tese de doutorado.

HORA, D. da. Variação da lateral /l/: correlação entre restrições sociais estruturais. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 1º semestre. 2006.

MOTA, J. A. Percurso metodológicos: questionários e informantes. In: CARDOSO, S. M. A. et al (Orgs.). *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014. p. 79-111.

MOURA, A. C. de. *O comportamento da lateral pós-vocálica em posição de coda no falar tocantinense: uma análise variacionista*. 89 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PINHO, A. J. de. MARGOTTI, F. W. Variação da lateral pós-vocálica /l/ no português do Brasil. CARDOSO, S. M. A. et al (Orgs.). *Documentos 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012. p. 137-161

PINHO, A. J. de. MARGOTTI, F. W. A variação da lateral posvocálica /L/ no português do Brasil. *Working papers in linguistics*, n.2, p.67-88, 2010.

QUEDNAU, L. R. *A lateral posvocálica no sul do Brasil: análise variacionista e representação não-linear*. Porto Alegre: UFRGS, 1993. Dissertação de mestrado.

SÁ, E. J. de. O uso variável da lateral /l/ posvocálica em posição de coda em português e espanhol. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Ano 4, n. 7, agosto de 2006.

SÊCCO, G. C. *O /l/ implosivo na linguagem pontagrossense*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.

SILVA, A. C. P. *A variação da lateral pós-vocálica /l/ nos atlas regionais*. Disponível em: <<http://www.pibic.ufpa.br/relFinais/6849.pdf>>, acesso em 05/02/2017.

SILVA, L. A. Projeto Nunc: Histórico. *Linha d'água*, n. 10, p. 83-90, julho, 1996.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

## ANEXO I:

Dados completos dos informantes:

Passo Fundo:

Informante 1: Mulher (idade não informada: nível de instrução 8ª serie)	Informante 2: Homem (idade não informada - nível de instrução não informado)	Informante 3: Mulher (idade não informada - nível de instrução não informado)	Informante 4: Homem (idade não informada - nível de instrução: 1ª série do ensino fundamental)
Agricu[l]tor A[w]venaria A[w]moço Sa[w] Me[w] So[w] Descu[l]pa Azu[l] Brasi[w] So[w]dado Polícia[w] Ca[w]ção A[w]ta Ane[w] Tempora[w] Ca[w]ma Abri[w] mês Girasso[w] Si[t]vestre Pa[w]pebra	A[w]venaria Pape[w] Pó[w]vora A[w]moço A[w]face Sa[w] Me[w] So[w] Azu[l] Brasi[w] So[w]dado Ca[w]ção A[w]ta Ane[w] Tempora[w] Vendava[w] A[w]vorada Abri[w] Girasso[w] Pá[w]pebra	Po[w]vora A[w]moço A[w]face sa[w] me[w] so[w] azu[l] brasi[w] so[w]dado ca[w]ção a[w]ta ane[w] so[w] abri[w] girasso[w] bo[w]sa pá[w]pebra triço[w] ca[w]canhar ca[w]cinha	A[t]cir Azu[l] Pó[t]vra A[[t]]moço A[t]face sa[t]zinho me[w] abri[w] so[w] pape[w] a[t]ta brasi[w] so[t]dado latera[w] go[w] e go[t] – faz os dois registros ca[t]ções assa[t]to assa[t]tante

Ca[w]canhar	enterço[t]	ca[w]çada	ma[t]dade
Avi[w] (isqueiro)	Ca[w]canhar	Esbe[w]to – leitura	pu[t]mão
Ca[w]cinha	Ca[w]cinha	do texto	a[t]ta
Ca[w]çada	Ca[w]çada	Fe[w]tro – leitura	ca[t]ça
Dé[w]cio	Hote[w]	do texto	ane[w]
A[w]face	Ca[w]	Mi[w] – leitura do	hoté[w]
Sa[w]	Carnava[w]	tx	a[t]ta
Ca[w]	Esbe[w]to – leitura	Ma[w] – leitura do	bo[t]so
Juveni[w]	do texto	texto	rea[t]
Fi[t]me	Mi[w] – leitura do		vo[t]tô
Esbe[w]to – leitura do	texto		difíci[w]
texto	Ma[w] – leitura do		tempora[t] ou
Fe[w]tro – leitura do	texto		tempora[w]
texto			so[t]zinho
Mi[w] – leitura do			so[t] e so[w]
texto			girasso[w]
			entreço[w] – terçol
			ca[t]cinha
			ca[t]cada
			ca[t] e ca[w]
			so[t]dador

## São Borja

Informante 1:	Informante 2:	Informante 3:	Informante 4:
Homem (22 anos - nível de instrução não informado)	Mulher (23 anos - nível de instrução não informado)	Homem (idade não informada - nível de instrução não informado)	Mulher (52 anos - nível de instrução não informado)
tota[w]mente	pó[w]vora	loca[w]	materia[w]
pó[w]vora	a[w]moço	pó[w]vora	pó[w]vra
a[w]moço	sa[w]	a[w]moço	a[w]moço
sa[w]	me[w]	sa[w]	sa[w]



me[w]	so[w]	me[w]	me[ʔ]
so[w]	azu[l]	so[w]	so[w]
azu[l]	brasi[w]	rea[w]	azu[l]
brasi[w]	so[w]dado	azu[l]	Brasi[w]
so[w]dado	ca[w]ção	brasi[w]	so[w]dado
ca[w]ção	a[w]ta	so[w]dado	ca[w]ção
a[w]ta	ane[w]	ca[w]ção	a[w]ta
ane[w]	abri[w]	a[w]ta	ane[w]
abri[w]	girasso[w]	ane[w]	ca[w]ma
girasso[w]	pá[w]pebra	abri[w]	estrela d'a[w]va
pá[w]pebra	ca[w]canhar	girasso[w]	abri[w]
ca[w]canhar	ca[w]cinha	pá[w]pebra	girasso[w]
ca[w]cinha	sina[w]	entreço[w] – terçol	pé[w]plas –
ca[w]cada	ca[w]çada	ca[w]cinha	pálpebras
Si[w]va	asfa[w]to	ca[w]çamento	entreço[w] – terçol
atua[w]mente	a[w]face	a[w]face	ca[w]cinha
a[w]face	ca[w]	ca[w]	ca[w]cada
ca[w]	quarte[w]	aventa[w]	a[w]face
pince[w]	vo[w]to	alugue[w]	ca[w]
pape[w]	norma[w]	hospita[ʔ]	a[w]cançaria
futebo[w]	Esbe[ʔ]to – leitura	centra[w]	esbe[ʔ]to – leitura
comercia[w]	do texto	Esbe[w]to – leitura	do tx
margina[w]	Fe[ʔ]tro – leitura do	do tx	Fe[w]tro – leitura do
norma[w]mente	texto	Fe[w]tro – leitura do	texto
vo[w]ta	Mi[ʔ] – leitura do	texto	Mi[w] – leitura do
fi[w]tro	texto	Mi[w] – leitura do	texto
Esbe[w]to – leitura	Ma[w] – leitura do	texto	Ma[w] – leitura do
do texto	texto	Ma[w] – leitura do	texto
Fe[w]tro – leitura do	entreço[w] – terçol	texto	
texto			
Mi[w] – leitura do			
texto			
Ma[w] – leitura do			
texto			

--	--	--	--

## Santa Cruz do Sul

Informante 1: Homem (23 anos, pedreiro - nível de instrução não informado)	Informante 2: Mulher (idade não informada - nível de instrução não informado)	Informante 3: Homem (54 anos - nível de instrução não informado)	Informante 4: Mulher (idade não informada - nível de instrução não informado)
pó[w]vora a[w]moço sa[w] me[w] so[w] azu[l] Brasi[w] ca[w]ção a[w]ta ane[w] abri[w] girasso[w] entresso[w] igua[w] nata[w] ca[w]cinha ca[w]çada a[w]face ca[w] futebo[w] a[w]mocá a[w]to jorna[w]	pó[w]vora a[w]moço sa[w] me[w] so[w] azu[l] Brasi[w] so[w]dado ca[w]ção a[w]ta ane[w] a[w]moçá tempora[w]	pó[w]vora a[w]moço sa[w] me[w] so[w] azu[l] Brasi[w] so[w]dado ca[w]ção a[w]ta fa[w]ta ane[w] a[w]moçá tempora[w] abri[w] girasso[w] pá[w]pebras entreço[w] = terçol ca[w]cinha ca[w]cada Natanae[w] Joe[w] a[w]face	pó[w]vura pólvora a[w]moço sa[w] me[t] so[w] azu[l] Brasi[w] so[w]dado ca[w]ção a[w]ta ane [t] paste[t] a[w]moçar nata[w] girasso[w] entresso[t] ca[t]canhar ca[w]cinha ca[t]cada a[w]face ca[w] anzo[w]

7 O áudio está funcionando até os 35:45, depois disso fica mudo até o fim

Brasi[w] A[w]tura esbe[w]to – leitura do texto fé[w]tro – leitura do texto vo[w]taram - leitura do texto ú[w]timo - leitura do texto dificu[Ø]dade - leitura do texto so[w]tos - leitura do texto mi[w] - leitura do texto ma[w] - leitura do texto so[w]dado		ca[w] sa[w] aventa[w] pu[l]mão pu[l]mão esbe[w]to - leitura do texto fe[w]tro - leitura do texto vo[w]taram - leitura do texto ú[Ø]timo - leitura do texto dificu[Ø]dade - leitura do texto so[w]tos - leitura do texto mi[w] - leitura do texto ma[w] - leitura do texto	aventa[w] bo[w]sas a[w]coólotra esbe[w]to - leitura do texto fe[w]tro - leitura do texto vo[w]taram - leitura do texto ú[w]timo - leitura do texto dificu[Ø]dade - leitura do texto so[w]tos - leitura do texto mi[w] - leitura do texto ma[w] - leitura do texto
--	--	---	---

## São José do Norte

Informante 1: Homem (20 anos – nível de instrução: 6ª série)	Informante 2: Mulher (21 anos – nível de instrução: 5ª série)	Informante 3: Homem (62 anos – nível de instrução: 2ª série)	Informante 4: Mulher (51 anos - nível de instrução não informado)
fi[w]me esbe[w]to fe[w]tro vo[w]taram ú[l]timo dificu[l]dade	individua[w] futebol[w] jorna[w] esbe[w]to fe[w]tro vo[w]taram	jorna[w] esbe[w]to fe[w]tro vo[w]taram ú[w]timo dificu[t]dade	jorna[w] po[w]va a[w]moço sa[w] a[w]ta me[w]

so[w]tos	ú[w]timo	mi[w]	so[t]
mi[w]	dificu[l]dade	ma[w]	rea[w]
ma[w]	mi[w]	a[w]ta	azu[l]
pó[w]vora	ma[t]	sa[w]	Brasi[w]
a[w]moço	espanho[w]	a[w]moço	so[t]dado
sa[w]	pó[w]vora	me[w]	ca[w]ção
me[w]	a[w]moçar	so[w]	ane[w]
so[w]	sa[w]	rea[w]	Natanie[w]
ba[w]sa	me[w]	azu[l]	a[w]face
rea[w]	so[w]	Brasi[w]	ca[w]
azu[l]	ba[w]sa	so[w]dado	aventa[w]
Brasi[w]	azu[l]	ca[w]ção	Vi[w]ma
ca[w]ção	Brasi[w]	ane[w]	tempora[w]
cu[l]pado	so[w]dado	a[w]face	treço[w]
a[w]ta	ca[w]ção	ca[w]	girasso[w]
ane[w]	a[w]ta	aventa[w]	ca[w]cinha
Natalie[w]	a[w]face	ané[w]	sina[w]
a[w]face	a[w]face	ma[w]	ca[w]cada
ca[w]	ca[w]	ma[w]	
sa[w]va vidas	pincé[w]	rea[w]	
aventa[w]	so[w]	treço[w]	
anzo[w]	a[w]to	ca[t]canhar	
difíci[w]	girasso[w]	pando[w]ga	
abri[w]	terço[w]	ca[w]cinha	
girasso[w]	tempora[w]	ca[w]cada	
bo[w]as	ca[w]cinha	Migue[w]	
ú[t]timo	ca[t]çadas		
terço[w]			
ca[t]canhar			
tempora[w]			
ca[w]cinha			
ca[w]cada			

## ANEXO II:

Palavras analisadas (com possíveis variações):

agricultor, alvenaria, almoço, sal, mel, sol, desculpa, azul, Brasil, soldado, policial, calção, alta, anel, temporal, calma, abriu, girassol, silvestre, pálpebra, calcanhar, avil, calcinha, calçada, Dêlcio, alface, sal, cal, juvenil, filme, esbelto, feltro, mil, mal, papel, pólvora, vendaval, alvorada, terçol, hotel, carnaval, Alcir, salzinho, lateral, gol, calções, assalto, assaltante, maldade, pulmão, calça, bolso, real, voltou, difícil, solzinho, soldador, totalmente, silva, atualmente, pincel, futebol, comercial, marginal, normalmente, volta, filtro, sinal, asfalto, quartel, normal, local, calçamento, aluguel, hospital, central, material, estrela d'alva, alcançaria, igual, natal, almoçar, jornal, voltaram, último, dificuldade, soltos, Natanel, Joel, pastel, anzol, avental, bolsas, alcoólatra, soltos, balsa, real, espanhol, culpado, Nataliel, pandolga, Miguel.

Recebido em: 30/1/2019

Aprovado em: 13/5/2019